

Conquista da Palavra e Voz: a Busca de uma Identidade nos Contos dos Cadernos Negros

Profa. Dra. Rosa Maria Santos Mundim, UnilesteMG¹

Resumo:

*Pela análise de contos do livro **Cadernos Negros** (1998), investiga-se quem é esse negro que agora, diferentemente do que acontecia no passado, tem oportunidade de falar em seu próprio nome e afirmar sua identidade. Os primeiros cadernos surgem em 1978 e, após a publicação de vários números, troca de componentes e criação do grupo Quilombhoje, surge a idéia de editar **Cadernos Negros: Os melhores contos**. Nele, escritores de diversas regiões do país tentam mostrar a face real do negro brasileiro em relatos de experiências atuais, o que, como afirma na Introdução o escritor Cuti, "... se contrapõe à prática e condicionamento nefasto de situar a afro-descendência, no Brasil, tão-somente em um passado escravo, tornando-o invisível no presente." Pretende-se observar também como os autores se colocam em relação à expressão escrita, com usos tão variados como da linguagem tradicional ou cinematográfica, oralidade e revisitação de clássicos.*

Palavras-chave: Cadernos Negros, Cuti, Esmeralda Ribeiro, identidade negra.

Introdução: Caminhos de uns Cadernos Negros

Os *Cadernos Negros* surgem em São Paulo em 1978, numa época em que o movimento negro se reorganiza e busca fazer ouvir sua voz. No primeiro número, oito poetas dividem os custos da publicação, que aparece em formato de livro de bolso. A partir daí, são lançados outros volumes anualmente, alternando poemas e contos de estilos diversos. Com o passar do tempo, acontece a troca de componentes da equipe inicial e em 1980 ocorre a criação do grupo Quilombhoje, que assume a publicação do **Cadernos** número 6 e, a partir daí, também a responsabilidades pelas publicações vindouras.

Em 1998, com o grupo reduzido a apenas três componentes (Márcio Barbosa, Esmeralda Ribeiro e Sônia Fátima), surge a idéia de editar dois volumes de prosa e poesia, com as melhores produções escritas até então. Assim surge o livro **Cadernos Negros: Os melhores contos**, em que escritores afro-descendentes de diversas regiões do país e variados estilos literários procuram mostrar a face real do negro brasileiro, em relatos de experiências de vida.

Na **Introdução**, o escritor Cuti, um dos fundadores do **Quilombhoje Literatura**, chama a atenção para uma particularidade que marca uma diferença nos contos selecionados: "A criação de personagens e situações, empregando como referencial a vida presente, se contrapõe à prática e condicionamento nefasto de situar a afro-descendência, no Brasil, tão-somente em um passado escravo, tornando-o invisível no presente." (CUTI, 1998, p. 17)

Nesses retratos que se querem mostrar, assim, como uma visão atual da presença negra brasileira, uma voz africana fala desde o primeiro momento na epígrafe da angolana Alda do Espírito Santo, que saúda os "companheiros de estrada" e lança para eles um grito de esperança. Como uma resposta, o aspecto universal da luta desse povo contra a opressão vem ressoar com vigor, na terra brasileira, quando Abdias Nascimento faz a chamada do "tambor de sangue com um toque de rebelião".

Para mostrar como se revelam essas novas vozes e refletir sobre tipos diferentes de personagens, foram escolhidos dois contos dos *Cadernos Negros* como objeto de análise no trabalho: "Guarda segredo", de Esmeralda Ribeiro e "O batizado", de Cuti. Cuti e Esmeralda Ribeiro são escritores ligados ao mundo das palavras pela própria formação: Cuti é formado em

Letras e especialista em Teoria da Literatura e Esmeralda é jornalista. Além da escrita de narrativas e peças teatrais, são também poetas e ambos têm trabalhos publicados individualmente e em várias antologias no Brasil e no exterior. Por terem uma história de participação de lutas e de movimentos durante muitos anos, são capazes de trazer para os seus textos vozes e tendências de variadas nuances, como se pode notar nos contos analisados.

Com narrativas situadas no presente, os textos mostram, no entanto, diferentes perspectivas. O conto de Cuti faz um recorte de uma situação vivida cotidianamente pelos negros brasileiros: ou assumir sua descendência africana e valorizar suas raízes ou tentar assimilar os valores do mundo dos ex-senhores de escravos e integrar-se na cultura herdada deles.

No outro, há a tentativa de resgatar o passado que um famoso texto literário revela e tentar corrigir corrigir, através de uma reescrita de situações e personagens, as injustiças sofridas pelos descendentes de africanos. Em ambos nota-se um toque de ironia, como se sabe um poderoso recurso de resistência usado, em todas as épocas, pelos oprimidos.

Resistir é Preciso?

Escrito em um estilo teatral e com toques de comédia, o conto de Cuti começa com o barulho de uma garrafa estilhaçada. O fato poderia ser banal e sem importância na cena de um domingo de festa em família, celebrando o batizado do neto; no entanto, pelos sentimentos revelados pelos participantes, o leitor começa a perceber que algo de trágico está prestes a acontecer na festa. Tudo gira em torno da figura de Paulino, que é apresentado de forma indireta e cuja figura vai sendo traçada pela percepção das outras personagens. Desse maneira, antes mesmo que a fala lhe seja dada, Paulino já é analisado e julgado pelos outros.

As personagens entram em cena uma de cada vez, e pela sua visão vão sendo revelados aspectos que irão compor a trama e explicar detalhes do que vai se desenrolar diante de nós. A primeira a se apresentar é a irmã de Paulino, Joana, que sempre preocupada com a opinião dos vizinhos, leva as mãos ao rosto para esconder a vergonha do que poderá vir a acontecer: “(...) ai minha Nossa senhora o prédio amanhã vai estar em polvorosa vão comentar o papelão na casa dos pretos porque é assim que chamam a gente são capazes de chamar a polícia só pro escândalo aumentar já devem estar rindo pelas janelas....” (CUTI, 1998, p. 43)¹

A cena passa a ser vista, depois, pela perspectiva da avó e mãe de Paulino, D. Isaltina, à beira das lágrimas ao pensar no papel do filho, que para ela representa uma ameaça para o bom andamento da festa, pois está sempre a questionar os presentes e provocar discussões. A mãe lamenta que ele tenha mudado e pensa que isso “(...) deve ser coisa daquela negrinha metida depois de conhecer ela mudou da água pro vinho lê esse mundaréu de livros mas ninguém dá ouvido pra o que ele fala...” (p. 44)

Chega então a vez do pai e avô Belmiro, que tenta manter a calma e controlar a situação, pois se lembra de todo o sacrifício feito com o seu orçamento estreito para conseguir promover a festa. Além disso, sabe que certamente será alvo de risos e comentários na repartição, se houver alguma confusão na sua casa e, por esse motivo, decide ser firme com o filho: “(...) se não estiver bem com a família vai então morar lá com seu tal movimento fala fala fala em prol da raça e agora quer estragar a festa dar show para essa gente branca ver... não...” (p. 45)

Em seguida Tico, pai do batizando, esforça-se por tentar entender os motivos do irmão que vive um momento de tensão pelo vestibular próximo, mas pensa também que “(...) ele faz mal de misturar tanto estudo com esse negócio de raça mas nem tudo que ele fala está errado só não pode é

¹ Todas as demais referências de Cuti. O batizado. In: **Cadernos Negros: os melhores contos**. São Paulo: Quilombhoje, 1998, p. 43-49 serão indicadas apenas pelo número da página.

ter banzé logo hoje....” (p. 45) Tico lamenta ainda não ter ido a um centro de umbanda para benzer o irmão, apesar dos protestos que a mãe, muito católica, certamente faria.

Finalmente entra em cena Paulino, o responsável pelos temores de todos, pela confusão e pela quebra da garrafa, que parece uma tentativa de chamar a atenção dos convidados. Ele tenta explicar sua atitude com uma fala que se mostra agressiva, em contraste com a atitude temerosa dos outros: “Eu acabo de dizer, com este exemplo nas mãos, da quebra da nossa identidade negra. Ouçam o nome do meu adorado sobrinho: Luizinho... Já não chega o sobrenome Oliveira! Luiz é nome de qual ancestral? Refere-se a qual matriz cultural? (p. 46) E Lino passa a sugerir os nomes que considera mais adequados ao menino: “Kalungano, Sawandi, Kwame, Omowale...”

Lino continua sua argumentação falando contra a bebida (segundo ele, inimiga de sua raça), contra a alienação dos negros que não buscam preservar os nomes e tradições de seus ancestrais, contra o fato do padrinho de seu sobrinho ser um branco, contra a adoção de uma religião de brancos pelos seus parentes. Como o pai tenta interromper o discurso, Tico tem de se colocar entre ele e o irmão, mas nem isso consegue acalmar os ânimos. Pelo contrário, o mal estar se intensifica, a mãe e a irmã olham entristecidas a cena e os convidados se afastam.

É a vez, então, da cunhada Zuleica fazer sua entrada triunfal. Orgulhosa de seus cabelos perfeitamente alisados, ela tem horror de usar ao natural os cabelos crespos e, por isso, já entrara em discussão com o cunhado. Ofendem-se e agredem-se, Zuleica parte para cima de Paulino com um pé de sapato, o marido e o pai tentam apartar, caem todos sobre a mesinha do centro, a mãe grita por Nossa Senhora Aparecida, a televisão cai da estante e os convidados correm para a porta para ver o espetáculo.

Ao final, as cortinas se fecham mostrando Luizinho, o dono da festa, deixado nu na cama do quarto pela mãe, mas que continua a dormir em meio a toda a confusão, enquanto a polícia é chamada pelos vizinhos e as garrafas de “champanhe francês legítimo são esquecidas no congelador.

Novo Final Para uma Antiga História

Outras são as questões levantadas no conto de Esmeralda Ribeiro, que no poema “Rotina”, desabafa numa fala em que todas as mulheres poderiam se reconhecer:

Há sempre um homem
me dizendo
o que fazer.

Talvez por um desejo de fugir a essa imposição da presença dos homens no universo feminino, Esmeralda tenha criado, no conto “Guarde segredo”, uma história em que as mulheres mudam a escrita, decidem seu destino e tomam as decisões. Por seu lado, as figuras masculinas que aparecem na narrativa são um pai apenas nomeado e distante, o fantasma de um escritor há muito desaparecido e uma personagem de triste fama na literatura brasileira, que finalmente tem um castigo merecido.

Também no aspecto formal o conto destaca-se por ser apresentado em forma de carta-confissão, numa tentativa da narradora para explicar a uma amiga de sua avó, preocupada com a falta de notícias, os motivos do seu silêncio e desaparecimento. A história, que se inicia pela infância da jovem, passa-se numa casa velha e cheia de mistérios de um bairro nos subúrbios do Rio de Janeiro.

De início, a presença marcante da avó domina toda a narrativa e ela é uma mulher que passa o tempo a tecer, ponto por ponto, uma colcha de retalhos que jamais fica pronta. A casa em que vivem é grande, mas avó e neta usam apenas a cozinha e um quarto e as chaves dos outros cômodos, sempre trancados, ficam no bolso da senhora, que dia e noite as vigia. A narradora revela

que está sempre a perceber movimentos furtivos, barulhos de risadas e conversas, súbitos aparecimentos e desaparecimentos de pessoas, reveladores de um ambiente de mistério e sonho, que a velha, defendendo-se por detrás de um gênio difícil, se recusa a explicar.

A menina de então revela que, muitas vezes, encontra um amigo da avó que surge e some de repente, conversa e brinca com ela e às vezes passa muito tempo a rir e falar sozinho, enquanto escreve alguns textos numa máquina. Um dia, ao limpar o quarto, vê um retrato desse homem bem no alto da parede e descobre nele as iniciais L.B. Quando pergunta à avó quem é o homem do quadro, a neta recebe dela uma resposta com a voz emocionada: “Ele foi uma pessoa muito importante para mim. Seu nome era Lima Barreto.” (RIBEIRO, 1998, p. 69)²

O universo do escritor e suas personagens misturam-se, assim, ao mundo da avó e da menina, que parece transitar com naturalidade por esse entrecruzar de verdade e ficção, de seres reais e de figuras de papel. Mas não terminam por aí os acontecimentos extraordinários e o mais surpreendente ainda está para acontecer: Quando a menina cresce e completa dezessete anos, como acontece no romance **Clara dos Anjos**, de Lima Barreto, ao voltar das aulas no Ginásio Nacional, encontra um rapaz chamado Cassi Jones, o conhecido sedutor e vilão do livro.

O Cassi da narradora criada por Esmeralda Ribeiro, ainda de forma semelhante ao personagem de Lima Barreto, parece ter o mesmo aspecto físico e a mesma personalidade do homem que seduz Clara, pois era “sardento, usava goma nos cabelos e andava bem vestido. (...) Ele morava num bairro de classe média do Rio de Janeiro, entretanto não acreditei quando contaram que não gostava de trabalhar.” (p. 69). Por causa dele, a jovem falta às aulas do colégio e, apesar de não ser ingênua como Clara, ou talvez para cumprir uma espécie de destino, deixa-se seduzir por ele.

No romance, Clara representa a mulher que é vítima de sua ingenuidade e despreparo para lidar com as malícias e preconceitos da sociedade suburbana do Rio de Janeiro do início do século. Para o narrador de Lima Barreto, principalmente, “Clara era uma natureza amorfa, pastosa, que precisava de mãos fortes que modelassem e fixassem.” (Barreto, 1976, p. 85) Dessa maneira, mulata e pobre, deixa-se facilmente seduzir pelas artimanhas de Cassi Jones, que a abandona sem remorsos e grávida, o que na época significava a desmoralização para ela e toda a sua família.

Ao saber de sua gravidez e do abandono do namorado, a infeliz vítima só consegue tomar uma atitude quando é aconselhada por D. Margarida, vizinha corajosa e decidida. Mesmo assim, ao conversar com a mãe e o pai do namorado, só consegue ter uma atitude de súplica humilde. A frase que ela diz à mãe no final do romance sintetiza bem o baixo conceito que ela própria faz de si, de sua família e de outras pessoas de sua cor e classe social: “Nós não somos nada nesta vida.” (BARRETO, 1976, p. 128)

Talvez por isso e para mudar a escrita e o destino de suas personagens, o escritor Lima Barreto, segundo a avó do conto de Esmeralda Ribeiro, tenha pedido para voltar. Principalmente porque muito diferente é a atitude da narradora do conto “Guarde segredo”, que revela não estar apaixonada por Cassi Jones e não engravida dele. Ao ser insultada pela mãe de Cassi Jones, para quem ela é apenas a “quinta negra” que o filho deflorou e não vai ficar com ele, enfrenta-a com altivez, revida a cusparada que recebe dela e toma uma atitude extrema: “Todos saberiam que eu não poderia olhar mais para a minha família. Não iria deixar por menos. Então fui ao mercado e comprei uma faca. Não tomaria nada, coragem eu tinha de sobra.” (p. 71) Vai então à procura do sedutor, que a essa hora já estava com outra e mata-o.

Ao chegar à casa do subúrbio, a narradora encontra Lima Barreto a escrever à máquina, conversando e rindo com a avó, como se estivessem à sua espera. Os dois já pareciam saber mesmo

2 Todas as demais referências de RIBEIRO, Esmeralda. *Guarde segredo*. In: *Cadernos Negros: os melhores contos*. São Paulo: Quilombhoje, 1998, p. 65-72 serão indicadas apenas pelo número da página

o que ela havia feito e o próprio escritor confessa: “Esse era o outro final que eu queria para o cafajeste do Cassi Jones.” (p. 71) Depois Lima Barreto joga no lixo o que havia escrito e agradece à avó, que também parece dar sua aprovação, quando afirma: “Nós não devemos aceitar o nosso destino com resignação.” (p. 71)

Depois disso, como se já tivessem cumprido a sua missão, o escritor e a avó desaparecem e a casa se enche de vozes, músicas, movimentos e vibrações estranhos. A jovem foge de lá, nunca mais volta e o mato toma conta de tudo. Não parece sentir remorsos pelo que fez, mesmo porque a avó lhe diz “Tinha de ser assim...” (p. 71). Ela troca de nome e tem muito medo, mas sente-se aliviada por ter podido contar tudo a alguém, embora peça, no final da carta, que a senhora “guarde eternamente” o segredo do que foi revelado.

Vozes Negras de Hoje, nos Cadernos Negros

No artigo “Mulher negra, cinco séculos de América mulher afro-brasileira”, Aildes Celestina da Silva afirma que, no nosso país

A origem escrava da mulher lhe acarretou pobreza, desamparo e uma função intelectual e social abaixo das demais, valendo disso, a classe dominante espera da mulher negra um comportamento servil. Então, circunstancialmente, faz-se necessário um esforço conjunto, para que articuladas, mulheres negras possam ser fortalecidas contra toda forma de opressão, conscientes e aptas para denunciar a desigualdade social com toda a sua mazela, participando como autoras do processo de construção da própria identidade e desempenhando, como parte integrante da sociedade, o seu papel. (SILVA, 1999, p. 82)

Essa luta das mulheres negras se faz, então, muitas vezes solitariamente, pois nem sempre o apoio dos homens lhes é oferecido. Por muito tempo reduzida ao silêncio ou mesmo a ser representada através de um olhar masculino, é significativo que hoje a mulher negra possa falar-se e traduzir-se em palavras.

Também é importante que ela se volte para escritas passadas, como faz Esmeralda Ribeiro e invoque um escritor emblemático como Lima Barreto, para que ele possa também, de uma certa maneira, libertar-se em seu conto de alguns de seus fantasmas. São conhecidos de sua vida os infortúnios, a morte prematura, a rejeição pela Academia Brasileira de Letras, as dificuldades e humilhações por que passa pelo fato de ser negro, e as animosidades que provoca pela sua postura desafiadora e crítica e que são mostradas em situações vividas por algumas de suas personagens nas páginas de seus livros.

É interessante também notar que esse autor representa uma fase da sociedade brasileira em que a mulher, especialmente aquela de classe desfavorecida e negra, tinha sua fala representada na literatura por uma voz masculina; assim, não é ela propriamente quem fala, mas é falada por um outro. No caso do autor de **Clara dos Anjos**, mesmo tentando ser favorável à personagem, ele consegue no máximo mostrar uma postura protetora e paternalista, revelando sofrer influências de idéias típicas do naturalismo e muitos preconceitos masculinos típicos da época, como na maneira de apresentar a mulher como um ser fraco e influenciável.

Esse passado de figuras fracas e resignadas, entretanto, tem sua importância e deve ser revivido para que se perceba o caminho percorrido pelas mulheres desde aquela época; no caso das mulheres negras, especialmente, um caminho em que as dificuldades para se fazer ouvir foram ainda maiores.

No conto de Cuti, por outro lado, revelam-se nos dilemas de uma família negra tradicional as complexidades do papel a ser assumido pelo negro na sociedade brasileira e as angústias de suas escolhas. Nos pais e na irmã de Paulino, percebe-se a preocupação constante pela forma como o negro é visto pela sociedade dos brancos e suas tentativas de sempre agir corretamente para fazer

jus ao modelo que se convencionava chamar , como se fosse um elogio e uma concessão, de “preto de alma branca”.

Na atitude da cunhada, percebe-se a idéia de tentar ocultar as origens africanas e o orgulho de haver conseguido aproximar-se o máximo possível do modelo valorizado pelos brancos. Tico parece representar uma tentativa de conciliação, de tentar compreender os motivos da revolta de Lino, embora explique as idéias do irmão, simplesmente, pelas muitas leituras e pela proximidade do vestibular.

Por essa postura defensiva da família não é surpreendente que Paulino, por sua vez, não consiga atingir com suas palavras os seus membros e, com sua atitude militante acabe, sempre, por provocar animosidades e conflitos. Assim, somente a Luisinho, batizado com nome de rei francês e cristão, resta a chance de manter-se alheado dos conflitos e, por enquanto, repousar em paz. Porque logo terá de se defrontar, também, com os conflitos que atingem desde cedo as crianças de sua cor.

Tal fato fica patente num texto dos **Cadernos Negros**, em que a escritora-poeta Esmeralda Ribeiro faz a releitura de uma conhecida canção de rodas. No poema “Vários desejos de um rio”, mostra as indagações que desde criança a perseguem e que mostram o sentimento de exclusão de que ela se dá conta desde então:

Eu queria entender
esta canção de criança:
“A menina pretinha será rainha , olé, seus cavaleiros!
Mas está presa no castelo, olé, olé, olá!
E por que ela não foge?, olé, seus cavaleiros!
Mas com quem está a chave?, olé, olé, olá! (RIBEIRO, 1998, P. 67)

Apesar das diferenças na criação de personagens e situações, parece que os escritores dos *Cadernos Negros* estão se mostrando capazes de completar o que falta nessa canção e são capazes de buscar responder à pergunta que a criança negra se faz. Mesmo sem a ajuda de cavaleiros encantados, mas às custas de muitas lutas e esforço próprio, tentam encontrar a chave que os torne capazes de abrir a porta do castelo. Ou, melhor ainda, de entrar no mundo da nossa realidade e nele ocupar o espaço a que têm direito.

Referências Bibliográficas

- [1] AUAD, Sylvia Maria Von Atzingen Venturoli (org.). *Mulher: cinco séculos de desenvolvimento na América*. Capítulo Brasil. Belo Horizonte: Centro Universitário Newton Paiva, IA/MG, 1999.
- [2] BARRETO, Lima. Clara dos Anjos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1976.
- [3] bayo.sites.uol.com.br/poemas_esmeraldaribeiro.htm. Acesso em 25/05/2008
- [4] DUARTE, Constância Lima e SCARPELLI, Marli Fantini (org.). *Gênero e representação nas literaturas de Portugal e África*. Coleção Mulher & Literatura, v. III. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- [5] CUTI, Luiz Silva. In: *Cadernos Negros: os melhores contos*. São Paulo: Quilombhoje, 1998, p. 43-49.
- [6] FONSECA, Maria Nazareth Soares. Corpo e voz em poemas brasileiros e africanos escritos por mulheres. In: *Gênero e representação nas literaturas de Portugal e África*. Coleção Mulher & Literatura, v. III. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 36-47.
- [7] QUILOMBHOJE. *Cadernos Negros: os melhores poemas*. São Paulo: Quilombhoje, 1998.
- [8] QUILOMBHOJE. *Cadernos Negros: os melhores contos*. São Paulo: Quilombhoje, 1998.

- [9] RIBEIRO, Esmeralda. Guarde segredo. In: *Cadernos Negros: os melhores contos*. São Paulo: Quilombhoje, 1998, p. 65-72.
- [10] SILVA, Aildes Celestina da. Mulher negra -Mulher afro-brasileira. In: *Mulher – Cinco séculos de desenvolvimento na América- Capítulo Brasil*. Belo Horizonte: Centro Universitário Newton Paiva, IA/MG, 1999, p. 73-85.

¹

Autor

Rosa Maria Santos MUNDIM, Profa. Dra.
Centro Universitário do Leste de Minas Gerais (UnilesteMG)
Curso de Letras
rosamsm@globbo.com